Além dos moldes, o agroalimentar, as Tice, rocha ou cerâmica são "clusters"?

Em 1990, Michael Porter identificou o "cluster" dos moldes na região. Trinta e cinco anos depois, que outros sectores poderão representar cadeias de valor integradas?

Jacinto Silva Duro jacinto.duro@jomaldeleiria.pt

Durante uma das iniciativas destinadas a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, José Caixeiro, fundador e administrador da Unifato, empresa de confecção do Reguengo do Fétal (Batalha), recordou as dificuldades do mundo dos negócios de há meio século e o papel dos empresários da aldeia na criação das unidades locais de produção de vestuário.

Num aparte, o empreendedor desabafou que jamais percebeu por que razão, sempre que alguém abria uma fábrica no Reguengo ou nos arredores, não era de calçado ou marroquinaria, mas sempre de confecção. No seu entender, se já havia quem produzisse roupa, a aposta seguinte deveria ser noutra área do mesmo ramo. Hoje, chamamos a esse tipo de cadeia de valor "clusters".

O dos moldes e plásticos é o mais conhecido na região e seria de esperar que, numa região dinâmica como a de Leiria, outros houvesse com igual força. O JORNAL DE LEIRIA questionou empresários e investigadores para perceber as razões que atrasam o aparecimento de outras áreas fortes de negócios. A verdade é que elas existem, contudo, podem passar despercebidas ou não evoluir.

"Se estamos a falar dos 'clusters oficiais' reconhecidos pelo Iapmei, temos muitas empresas da região com ligação e a participar nas suas actividades. Podia citar o dos Recursos Minerais, o Portuguese Agrofood Cluster e o Tice.pt. Se estamos a falar dos 'micro-clusters regionais', podemos apontar o sector da cerâmica ou da floresta", entende o presidente da Nerlei CCI. António Poças diz que "há muito a fazer", tarefa que tem esbarrado no tamanho das empresas e dificuldades de trabalhar em conjunto. "Isto leva a menor capacidade de investimento em investigação e desenvolvimento e em ter produtos de maior valor acrescentado. Também à menor capacidade de desenvolver o marketing que permita dar a conhecer e valorizar o que fazemos."

Já Márcio Lopes, docente do Politécnico de Leiria aponta vários sectores de muito peso, alicerçados na



"Há muita investigação na parte de biotecnologia ligada à fruta, aos frangos ou aos porcos, com soluções da Indústria 4.0"

existência de matérias-primas no território, que, não sendo 'clusters' são o que denomina por "aglomerações industriais". É o caso da rocha ornamental de Porto de Mós, Fátima e Alcobaça, para a qual gostaria de ver criado um centro tecnológico da rocha, ou a indústria conserveira de Peniche, e ainda a cerâmica e loiça de Caldas da Rainha, sem esquecer o agroalimentar no Oeste e os areeiros e floresta do

nordeste do distrito.

"Não temos um ecossistema de inovação vocacionado para a tipologia empresarial do nosso território, dado os sectores explorados na nossa região. Por que razão esta tipologia, não avança para "clusters"? Porque os sectores com 'aglomerações industriais' puxam pouco pela inovação e não produzem valor acrescentado", lamenta, salientando que "o poder político

local deveria ter uma postura, na sua vertente económica, mais empresarial".

"Isto anda tudo ligado"

O director-geral da Startup Leiria, Vítor Ferreira, tem um entendimento semelhante. Acredita que, na região, actualmente, existem já "clusters" ou estruturas semelhantes entre as empresas agroindustriais e de tecnologia (Tice).

Se o primeiro está, predominantemente, na zona Oeste, o segundo tem uma origem que se pode traçar até ao "cluster" primordial da produção de vidro na Marinha Grande, ainda antes do aparecimento da indústria dos moldes e plásticos.

Assim, na região de Leiria e Oeste, há empresas que produzem maçãs, pêras, frangos ou ovos com uma grande incorporação tecnológica. "Há muita investigação na parte de biotecnologia ligada à fruta, aos frangos ou aos porcos, com soluções da Indústria 4.0 a serem criadas por empresas de IT da região para esse 'cluster'. Apesar de a maior parte das máquinas não serem desenvolvidas cá, o software já começa a ser e há vários projectos a desenvolver tecnologia, para prever o tempo e optimizar as colheitas."

"Isto anda tudo ligado. Nas Tice, temos empresas mais maduras, como o Grupo inCentea, que começou como departamento da Leiriense Plásticos, depois autonomizou-se como Leirisic, até à forma actual", diz, dando ainda o exemplo da La Redoute e a integração com sucesso do *e-commerce*.

"Temos também muitas empresas emergentes como a Void Software, a Xgeeks, e outras mais antigas como a HES, e ainda pólos de empresas multinacionais e novas empresas a despontar, que já empregam 30 ou mais pessoas, como a Lovys ou a Sound Particles", refere o director-geral da Startup Leiria.

A utilização de tecnologias para produzir moldes, acabou por impulsionar o actual "cluster" Tice, onde várias empresas, primeiro, comercializaram e, depois, criaram soluções para o sector. O "efeito histórico de bola de neve" é crucial na criação de novas empresas dentro da lógica de "cluster", resume Vítor Ferreira.